

REPRESENTAÇÃO DE REDES CONSTRUCIONAIS: O CASO DE [(X) VSN]_{FOC} NO PB

Roberto de Freitas Junior (UFRJ)¹ e Karen Sampaio Braga Alonso (UFRJ)²

RESUMO

Neste artigo, discutiremos as diferentes formas de representação de redes construcionais, ora orientadas por uma perspectiva semântica (TRAUGOTT & TROUSDALE (2013)), ora por uma perspectiva formal de organização (GOLDBERG (1995)). Abordaremos, assim, o esquema de focalização no Português do Brasil (PB), via apresentação de uma pesquisa em curso que visa ao mapeamento sincrônico das características de forma e sentido do pareamento [(X)VSN]_{FOC}, na voz ativa, passiva e no inglês como L2 de brasileiros.

PALAVRAS-CHAVE: construção, ordem VS, rede construcional

ABSTRACT

The article discusses different representations for constructional networks, which may be guided either by a semantic perspective (TRAUGOTT & TROUSDALE (2013)), or by some formal perspective of organization (GOLDBERG (1995)). Thus, it approaches the focus scheme in Brazilian Portuguese by presenting an ongoing research aimed at mapping the form and meaning characteristics of the [(X) VSN] pairing, in the active voice, in the passive voice and in the L2 English of Brazilians.

KEYWORDS: construction, VS word order, constructional network

1. INTRODUÇÃO

Neste texto, faremos uma análise da rede construcional que envolve construções focalizadoras de inversão de SN. Iniciaremos com a apresentação do conceito de foco – relacionando-o ao de estrutura

1 Professor Adjunto do Departamento de Letras/Libras da UFRJ, robertofrei@hotmail.com

2 Professora Adjunta do Departamento de Linguística e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ, karensampaio@letras.ufrj.br

informativa. Em seguida, descreveremos brevemente objeto de estudo das construções-escopo da pesquisa (com base, fundamentalmente, nos conceitos de micro, meso e macroconstruções de Traugott (2008)). Por fim, proporemos uma reflexão sobre os conceitos de esquema, subesquema e microconstrução, como forma de fomentar as avaliações críticas sobre a aplicabilidade das propostas teórico-metodológicas contidas na obra de Traugott e Trousdale (2013) na prática da pesquisa de abordagem construcionista.

2. O CONCEITO DE FOCO

A forma como a diversidade das línguas categoriza gramaticalmente a expressão informativa tem sido há tempos interesse de linguistas renomados. Tais trabalhos contribuem para o entendimento sobre os cruzamentos existentes entre a organização gramatical e a organização informativa em propostas tipologicamente orientadas (c.f.: DIK (1989), LAMBRECHT (1994), VAN VALIN (1999)) que revelam diferentes possibilidades cognitivas de distribuição do saliente e do periférico, do recuperável e do inacessível, do velho e do novo.

A despeito das diferentes visões relativas à discussão sobre estrutura informativa, algumas generalizações merecem ser revisitadas, pois nos parecem ser plausíveis de defesa, dado ainda servirem como referências para estudos na área.

Por exemplo, é saliente o princípio de que a estrutura informativa lida com a maneira como conteúdos proposicionais são veiculados por itens lexicais apresentados em diferentes combinações, sem prejuízo de seu valor de verdade, entrando em jogo, assim, um componente no nível do sentido - e não necessariamente no da forma lógica da expressão -, relacionado à perspectivação: uma habilidade em si não especificamente linguística, mas de ordem superior da cognição humana.

Assim, seja por meio de algum tipo de articulação gramatical, seja por meio de articulação prosódica/entoacional, constata-se um nível importante para a definição do conceito de língua, já tradicionalmente identificado na tipologia linguística. Emerge aqui, em suma, uma ampla discussão sobre a relação entre, de um lado, a fonologia, a morfologia e a sintaxe e, de outro, diferentes formas de perspectivação de conteúdos mais ou menos pressupostos.

Outra generalização defensável é a de que, independentemente da visão teórica que baseia a análise da estrutura informativa, há duas maneiras de detectarmos a forma como o conhecimento compartilhado dos interlocutores reproduz-se no discurso. De um lado, a análise pode focalizar apenas o *status* cognitivo desempenhado por dada entidade, por sua vez definido, colaborativamente, pelos participantes do evento comunicativo. De outro lado, é factível a análise debruçar-se sobre o modo como macropartes constituintes da sentença são estruturadas à luz daquilo que é o assunto e daquilo que sobre ele se predica.

É nesse segundo ponto, a tradicional relação tópico-comentário, que deseja brevemente versar essa parte de nossa discussão, tendo por intenção refletir não as características da porção pressuposta e já

compartilhada pelos interlocutores, mas trazer à tona uma discussão sobre propriedades, de ordem semântica ou formal, que podem melhor caracterizar aquilo que tradicionalmente chamamos de comentário e que aqui receberá o rótulo geral de FOCO.

Cabe-nos, então, citar Lambrecht (1994), que caracteriza tipos de foco que basicamente podem ser arrolados em dois grandes grupos: a) aqueles em que o domínio da focalização recai sobre uma entidade em específico (*argument focus*) e b) aqueles em que o domínio de focalização recai sobre mais de um constituinte (*broad focus*), o qual por sua vez engloba ou um dado número de elementos focalizados (*predicate focus*), ou casos em que toda uma sentença detém o caráter de focalização – segundo o autor, uma tendência marcada dentro do escopo das possibilidades de foco.

Outro ponto destacado pelo autor diz respeito à associação existente entre o conceito de marcação e elemento sobre o qual recai a focalização. No inglês, por exemplo, sendo este o último elemento de uma resposta a uma pergunta QU-, teríamos o contexto não marcado de SNs focalizados, enquanto demais candidatos representariam contextos mais marcados de focalização. Também, para Van Valin (1993), o conceito de domínio potencial de foco emerge nessa discussão fazendo oposição ao conceito de domínio real de foco. O primeiro aponta, probabilisticamente, para as entidades fortemente candidatas a serem focalizadas, enquanto o segundo aponta para a informação sobre a qual de fato recaiu a marca de focalização, seja ela de ordem morfossintática, seja de ordem fonológica/suprasegmental (VAN VALIN, 1999).

Rodrigues e Menuzzi (2011) revisitam a literatura sobre estrutura informacional e tratam da distinção tópico, comentário e foco. Ponto importante destacado pelos autores é o que distingue elementos que possuem ‘*status* especial’ dentro do comentário. Este, por sua vez, embora possa constituir-se, em boa dose, como informação não recuperável, não deixa de apresentar certa pressuposição pragmática, tal como também ocorre em respostas a perguntas QU-. Essa característica faz com que ele possa ser tratado como uma parte da asserção que em si possui uma ‘estrutura informacional interna’. Assim, na medida em que um ou mais elementos podem ser a contribuição decisiva daquela porção comunicativa, o comentário passa a ser referido como ‘*background*’ em diferentes trabalhos na área, e a entidade em destaque, “o foco da frase”.

Vemos que a discussão sobre focalização, tão cara à argumentação do presente artigo, não encerra uma caracterização clara e fechada sobre seu comportamento nas diferentes línguas. Ora a verificamos associada a possibilidades morfossintáticas, ora a possibilidades do nível fonológico – via marcas suprasegmentais. Verificamos, ainda, o domínio de focalização como uma discussão que abrange desde a possibilidade *default* de focalização - que acompanha o padrão tópico-comentário -, passando pela possibilidade de focalização de apenas um constituinte, de todo o comentário, ou mesmo de toda a sentença.

Enfim, são múltiplas as possibilidades de realização desta habilidade e, de fato, a tentativa tipológica de descrição da focalização é essencial. O que pretendemos neste texto, diante das novas propostas teóricas dos diferentes modelos linguísticos baseados no uso, é analisar o fenômeno sob a ótica

de uma abordagem construcionista (GOLDBERG, 1995; 2006; CROFT, 2001, BYBEE, 2010, TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), na busca por melhor descrever de que maneira pareamentos forma/função podem refletir essa característica tão essencial das línguas.

3. A CONSTRUÇÃO [(X)VSN]FOC

3.1 Um olhar construcional sobre estruturas monoargumentais do PB

Procurando relacionar a questão da informatividade e o conceito de construção, propomos uma pergunta: é possível pensar na existência da construção [(X)VSN] de sentido bastante geral e fonologicamente subspecificada na ampla rede construcional do esquema de focalização no PB? Nesse caso, é possível pensarmos em termos de esquema, subesquema e microconstruções (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) ou seria melhor tratarmos do tópico em termos de macro, meso e microconstruções (TRAUGOTT, 2008)?

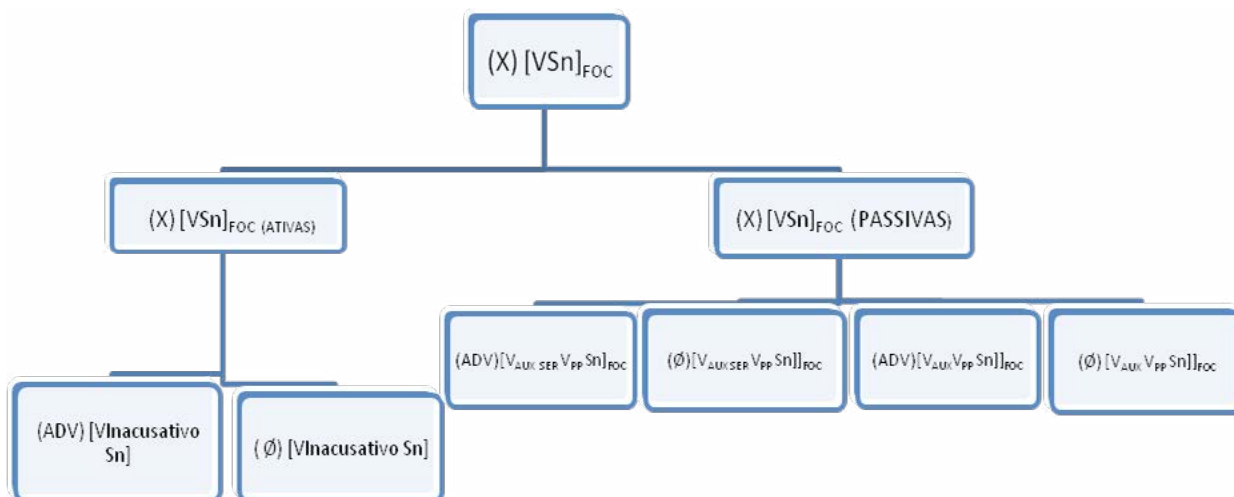
A proposta de Traugott & Trousdale (2013) propõe um olhar para a rede construcional que incluiria, no caso, o conjunto de construções focalizadoras do PB, independentemente da forma em que se apresentam. Esse conjunto seria, por sua vez, subdividido em conjuntos menores relacionados ao anterior mais em termos do sentido/função do que da forma. A vinculação formal é exigida, entretanto, quando se pensa em termos de Traugott (2008), uma vez que a autora trata de níveis esquemáticos diferentes relativos sempre a um mesmo conjunto de construções. Para o presente trabalho, em que nos interessam mais particularmente as construções focalizadoras com inversão, a vinculação formal (variando em termos de esquematicidade) se mostra como uma opção mais interessante.

Assim, a opção desta primeira abordagem das construções focalizadoras no PB foi pela segunda relação hierárquica proposta, contida em Traugott, 2008). Sobre isso, cabe-nos refletir sobre as consequências dessa proposta tripartida em termos do aumento da esquematicidade das construções. Se tomarmos, por exemplo, uma construção mais geral [(X)VSN], as mesoconstruções poderiam ser agrupamentos de padrões passivos e ativos relacionados? A pergunta se deve ao fato de que a voz ativa replica perfeitamente a forma *V SN* da macroconstrução, mas na passiva o *V* se apresenta diferentemente da macro, na forma complexa de AUX + PP.

Outra questão é a seguinte: entendendo que as estruturas de inversão de SN ativas e passivas são mesoconstruções de uma mesma macro, uma nova questão metodológica se colocou, a saber: como se caracterizariam as microconstruções? Elas deveriam representar o nível imediatamente anterior ao das meso ou as construções (*types*) individuais? No nosso caso de construções focalizadoras ativas, as microconstruções seriam construções do tipo [(ADV) Vinacus SN] ou [(ADV) chegar SN], com V fonologicamente especificado?

Apenas para ilustrar essa discussão, proporemos uma análise em que a microconstrução é a seguinte: [(ADV) Vinacus SN]. A discussão em torno do conceito de microconstrução será retomada na seção 4, adiante.

Partimos, à guisa de reflexão, então, da hipótese de que há uma relação de inversão verbo-SN relacionada a estratégias de foco no PB – esquematizadas aqui como a macroconstrução [(X)VS_N], que se fixa ao longo da história dessa língua como um pareamento forma/sentido, caracterizando-se hierarquicamente em mesoconstruções ativas e passivas e em microconstruções específicas espelhadas na rede apresentada abaixo:



Nesse caso, no nível da forma, temos uma construção de natureza esquemática, monoargumental, possivelmente encabeçada por um adverbial, seguida de um elemento, ou locução, verbal ligado a um SN de papel temático [-Agente]. No nível do sentido, a construção apresentaria papel discursivo relacionado ao da informatividade, representando o caráter [+Focal] do elemento SN ou de toda a construção.

Sua organização pode ser caracterizada no seguinte *template*:

- a) nível formal: [(X) VSN] b) nível do sentido: papel informacional relativo à focalização do SN ou do conjunto oracional:

Sem	Apresentar/Focalizar PRED	<	Tópico	Tema	>
Sint	V		∅/Adv/Explet	∅/Obj/Suj	

Os dados abaixo são construtos que refletem as duas mesoconstruções aqui sugeridas:

- (1) “*Ao surgir a televisão, em 1950, correu o boato de que não era recomendado assistir aos programas por mais de quinze minutos seguidos*” e
- (2) “*Em dezembro de 2013, foi apresentado pedido para a liberação de e-mails enviados e recebidos pela secretária num único dia e só num intervalo de 15 minutos.*” (O Globo, 10/05/2015).

Para a investigação da construção [(X)VS_N] no PB sincrônico, é possível considerarmos três linhas

de atuação investigativa. São elas integrantes do projeto de pesquisa, em curso no D&G/UFRJ, intitulado *Investigando [(X)VSN] no PB: uma construção focal em rede*³. A primeira a ser retratada é a que diz respeito à descrição e análise dos constructos na voz ativa.

Temos por hipótese a possibilidade, como atestado na representação acima, de quedados com verbos *acontecer* e *correr* podem se comportar de modo diferenciado quanto à produtividade nesse tipo de construção. Trata-se de dois itens lexicais monoargumentais, entretanto de base semântica diferenciada, o que pode definir a maior ou menor probabilidade de esses verbos serem constituintes da construção proposta.

Assim, a linha investigatória sobre o funcionamento da construção [(X)VSN] ativa tem como base os parâmetros de transitividade propostos por Hopper & Thompson (1980). Nesta perspectiva, o conceito de transitividade considera não apenas o item verbal, mas o conjunto de participantes que compõem a oração, levando-se em consideração a efetividade da transferência entre eles. O Quadro 1 apresenta os traços envolvidos no conjunto oracional e que irão definir o maior ou menor grau de transferência de ação:

PARÂMETROS	[+TRANSITIVIDADE]	[-TRANSITIVIDADE]
Participantes	2 ou mais	1
Cinese	Ação	[-ação] (estado)
Aspecto	Télico	Atélico
Punctualidade	Pontual	[-pontual]
Volição	Intencional	[-intencional]
Polaridade	Afirmativa	Negativa
Modalidade	Realis	Irrealis
Agentividade	Agente	[- agente]
Afetamento do Objeto	Afetado	objeto +/-afetado
Individualização do Objeto	individualizado	[-individualizado]

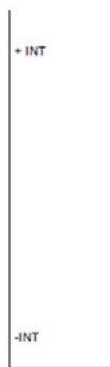
Quadro 1: *Parâmetros de transitividade por Hopper e Thompson (1980)*

Ao considerarmos os construtos originados a partir do padrão [(X)VSN], estaríamos lidando com um grupo de construções que apresentam os mais baixos índices de transferência, dado seu único participante argumental e a natureza de seus traços de sentido.

Em um *continuum*, construções com o verbo *acontecer* caracterizar-se-iam como um grupo de construções monoargumentais com escala mínima de transitividade, fato relacionado aos traços semânticos [-cinese] do verbo e [-agentividade/volição] do SN. Por outro lado, construções com o verbo *correr* caracterizar-se-iam como um grupo de construções monoargumentais posicionados em um nível acima na escala transitividade, fato relacionado aos traços semânticos [+cinese] e [+agentividade/volição]. A escala abaixo representa, de cima para baixo, as posições dentro do escopo das construções intransitivas daquelas com o item verbal [+INT]/correr e das com o item

3 Agradecimentos especiais aos alunos de IC do grupo D&G/UFRJ Isabella Lassery Simi, Matheus Costa da Silva e João Miguel Henriques de Lacerda.

verbal [-INT]/acontecer:



As orações abaixo, retiradas do *Corpus do Português* (<http://www.corpusdoportugues.org/>), representam, assim, o grupo de construções [(X)VSN]de menor grau de transitividade, dadas suas características semânticas que não apontam para maior efetividade de transferência de ação. Note-se, ainda, o caráter focal dos SNs em questão, evidenciado pelo seu status informacional, [+novo], e seu grau de definitude, [-definido]:

(1) O Marlon Brando estava fazendo um filme em Paris, em 1957, com o Dean Martin, o The Young Lions (Os Deuses Vencidos), e eu estava lá. Quis demais conhecê-lo. **Aconteceu uma história incrível.**

(2) No LP seguinte, que foi “Miragem”, que também saíram alguns compactos desse LP. Na época **aconteceu uma coisa engraçada - A Polygram queria me levar pra lá, tinha um produtor na CBS que não largava do meu pé, achava que era meu dono.**

(3) Nem princesa verdadeira concorreria em beleza, em riqueza e elegância. Sofia chorou, de fato, e os irmãos aplaudiram. **Correu a negrada toda assuntando a aparição - aparição, sim, senhora, imagem celestial, há muito não existia uma noiva tão perfeita.**

(4) Parecia, dos joelhos p’ ra baixo, tudo sumido, quando não rabo de peixe que mal encostava no chão. E logo se sentiu um pitui tão forte que até dava vontade de vomitar. **Correu um tremor no fio do lombo do João e da Merandolina.** Tiveram um susto de bater queixo. - Minha coroa do Divino! É boto, disse o mariscador pondo-se em pé.

(5) Mande o João Bento buscar o Antônio Castro. João é bom de montaria e não se demorará. **Entre o ir e o voltar, correu uma noite inteira.**

Os dados (1) e (2) representam ocorrências clássicas da construção [(X)VSN]São dados com o item ‘acontecer’, com SNs [- definidos], [- animados] e [- volitivos]. Tais fatores apontam, como podemos ver, para o papel focal do SN, tendo-se em conta seu conjunto discursivo. Vale notar, ainda,

nas duas construções, a tendência de surgimento de um SAdv à esquerda do verbo.

O constructo em (3) pode ser tido, assim, como um exemplo especial da construção [(X)VS_n], na medida em que denuncia a possibilidade de uma construção monoargumental com SN [+definido], [+animado] e [+volitivo], embalado na posição à direita do verbo, espaço prototípico de focalização, a despeito do caráter informacional [-novo] do SN. Tal fato sugere a possibilidade de o usuário da língua querer focalizar a entidade ‘*a negrada toda*’, posicionando-o após o verbo.

De modo semelhante, os dados (4) e (5) revelam a tendência de que SNs pospostos de construções monoargumentais sejam focalizados, fato, mais uma vez, associado ao *status* informacional e à definitude do SN. Por se tratar de informações não prontamente disponíveis no discurso precedente, tornam-se fortes candidatos a aparecerem na posição prototípica de foco, independentemente de possíveis restrições semânticas, as quais, embora exerçam papel importante na restrição de SNs pospostos, talvez não bloqueiem categoricamente o uso de um SN pleno pós-verbal, como verificamos nas diferenças semânticas entre (3) e (4-5). Apesar das diferenças existentes entre as orações, um fato que merece destaque é o papel de sentido compartilhado por seus SNs: são elementos focalizados, fato relacionado, não de modo categórico, ao seu *status* informacional e definitude, revelando que o que as orações mantêm em comum é o que está previsto pela noção de sentido da construção [(X)VS_n]. A segunda linha de investigação busca verificar as características formais e de sentido de um subesquema da construção [(X)VS_n], a saber, [(X) AUX PP S_n] (voz passiva), também tendo por objetivo a descrição de seu comportamento na rede construcional do esquema de focalização de construções monoargumentais de SN pleno posposto do PB.

A mesoconstrução [(X)AUX PP SN] apresentaria, no nível formal, caráter altamente esquemático e seria, possivelmente, encabeçada por um constituinte [X] — em geral, um adverbial. Apresentaria, ainda, a configuração: verbo auxiliar [AUX] + verbo principal no particípio passado [PP] + (*slot*) sintagma nominal [SN].

No nível do sentido, a construção também assumiria papel discursivo relacionado à informatividade, representando o caráter [+ FOCAL] ou do SN, ou de toda a oração. As ocorrências (*tokens*) de [(X) AUX PP SN] devem apresentar características específicas da construção, consideradas, no âmbito da forma, como: i) diferença de produtividade do tipo de locução verbal (“ser”, “estar” etc.); ii) a circunstância do adverbial (X) e iii) a extensão e a definitude do SN.

(6) *Na ocasião, estava previsto um depoimento do ex-presidente em outro processo na Justiça paulista, que foi cancelado em cima da hora.* (O Globo, 05/03/2016),

(7) *“Nos pedidos com 20 itens, foram indicados os números dos documentos”*(O Globo, 05/03/2016).

O padrão da oração passiva de sujeito posposto em português pode, ainda, gerar cláusulas de menor

aceitabilidade gramatical em inglês. Por consequência da segunda linha de investigação, vale pensar em uma terceira: a da contribuição de estudos de aquisição de L2 que se delineiem à luz da gramática das construções.

Freitas (2011) observa que, produzindo textos acadêmicos em inglês como L2, brasileiros podem tomar como referência o uso da estrutura [(X) AUX PP SN] com características formais e de sentido próprias do português, originando sentenças de baixa aceitabilidade na língua alvo (LA), como em (1), retirado de sua pesquisa:

(8) *In Carla's speech it was not detected the voicing assimilation of the "s" after avoicing sound (sic⁴).*

A hipótese desta terceira linha de investigação é, assim, a de que ocorrências de orações(X) [VS_n] na voz passiva com SN posposto em inglês como L2 constituiriam a macroconstrução sendo transferida para o uso na L2 e gerando sentenças de menor aceitabilidade, ou mesmo agramaticais na língua alvo (LA). Associada a esta construção estaria ainda o preenchimento por um elemento adverbial ou um sujeito expletivo à esquerda do verbo, uma possibilidade prevista em construções análogas da LA.

Para exemplificar nosso objeto de pesquisa, apresentamos o seguinte dado retirado do *corpus*⁵ analisado na investigação atual:

(9) *The isolated glycoalkaloids were used as standard for validating quantitative analysis with HPLC/Corona-CAD. It were used experimental design to optimize the conditions for extraction of glycoalkaloids from potatoes, eggplants and tomatoes by QuEChERS method.*

(10) *Hepatitis C chronic virus infection induces liver fibrosis, nevertheless, it is unknown why some patients progress to advanced fibrosis while others remains with mild disease. Recently, it was described an inverse association between serum levels of dehydroepiandrosterone sulphate (DHEA-S) and liver fibrosis in patients with nonalcoholic fatty liver disease. It was also described that DHEA has anti-fibrotic effects.*

(11) *The majority of nevi in our series showed dermal labeling (focal or diffuse, strong or weak), while melanomas showed higher junctional positivity, as observed in previous studies. It was considered an increased chance of melanoma, close to 3.25 times (OR = 3.25), when more than 75% of the cells were marked.⁶*

4 (8) No discurso de Carla não foi detectada a assimilação de vozeamento do 's' após um som sonoro.

5 O *corpus* da pesquisa consiste em abstracts de teses de doutorados e dissertações de mestrado do CCS-UFRJ.

6 (9) Os glicoalcalóides isolados foram utilizados como padrões para a validação das análises quantitativas por CLAE/Corona-CAD. Foram utilizados planejamentos experimentais para otimizar as condições de extração dos glicoalcalóides de batatas, berinjelas e tomates através do método QuEChERS. (10) A infecção crônica pelo vírus da hepatite C induz fibrose hepática, todavia, são desconhecidos os motivos pelos quais alguns pacientes progridem para fibrose avançada, ao passo que, outros permanecem com doença leve. Recentemente, foi descrita uma associação inversa entre os níveis séricos do sulfato de dehidroepiandrosterona (S-DHEA) e o estágio de fibrose hepática em pacientes com doença hepática gordurosa não-alcoólica. Também foi relatado que o DHEA tem efeitos anti-fibróticos.

(11) A maior parte dos nevus mostrou marcação dérmica (focal ou difusa, forte ou fraca), e os melanomas mostraram maior positividade juncional, como em estudos prévios. Foi considerado um aumento de chances para melanoma, próximo a 3,25 vezes (OR=3,25), quando mais de 75% das

O aprofundamento da pesquisa pode mostrar que o constructo em (3) apresentaria características oriundas de macroconstruções das línguas envolvidas, que entrariam em uma espécie de ‘choque’ construcional, fenômeno típico da interlíngua (SELINKER, 1972).

4. OUTRAS QUESTÕES PARA DEBATE E A RETOMADA DO CASO DE CONSTRUÇÕES FOCALIZADORAS

A partir do que foi dito anteriormente, passaremos a apresentar outras questões que surgiram sobre o tratamento metodológico das construções de uma língua, em termos da sua distribuição na rede, pautando-nos fundamentalmente na obra de Traugott & Trousdale (2013). Um desses questionamentos – selecionado para se tratar neste artigo – se pauta na percepção de diferentes abordagens dadas pelos autores aos termos *esquema* e *subesquema*. Em alguns momentos do livro, os autores tratam esquema como o nível mais abstrato de um conjunto de construções ligadas na rede por uma identificação em termos de pareamento; em outros, parece que esquema e subesquema remetem a uma categorização abstrata, de base mais semântica.

Nesse sentido, Traugott & Trousdale (2013:13) afirmam que “esquematicidade é uma propriedade da categorização que envolve fundamentalmente abstração. Um esquema é uma generalização taxionômica de categorias, sejam linguísticas ou não”.

Mais adiante, os autores (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013:14) defendem que “esquemas linguísticos são abstratos, são grupos de construções semanticamente gerais, tanto procedurais quanto contedísticas”. Daí já se pode prever que, embora os autores foquem na perspectiva de esquema linguístico, há na concepção de esquematicidade a previsão de que seja um fator não especificamente da língua.

Assim, procurando, mais uma vez, aproximar teoria e prática, recorreremos à concepção de esquema como graus de abstratização de construções e retomaremos os casos de inversão apresentados anteriormente e reunidos sob a forma [(X) VSN].

Sendo assim, em uma abordagem um pouco mais estrita em relação àquela que fizemos anteriormente, postulamos que os falantes do português passaram a usar a estrutura com SN invertido como estratégia de focalização. Assim, essa inversão de SN passou a ser, com o tempo, uma forma convencionalizada por uma comunidade linguística para exprimir foco. Acredita-se que essa convenção se deu no uso, por meio do aumento da frequência *token* de estruturas com SN pós-verbal.

Especificamente na voz ativa, por exemplo, poder-se-ia postular que esse aumento da frequência *token* levou os falantes a cognitivamente reconhecerem padrões mais esquemáticos mapeados verticalmente a partir de [(X) trabalhar SN]; [(X) chegar SN]. Esse conjunto de microconstruções seria licenciado pelas mesoconstruções [(X) Vint SN] e [(X) Vinac SN], respectivamente. Ainda num nível mais abstrato, essas mesoconstruções, por sua vez, seriam licenciadas pela macroconstrução [(X) VSN].

células estão marcadas.

Desse modo, o conjunto de *types* de pareamento forma e sentido no nível parcialmente lexical – [(X) chegar SN] – parece corresponder ao conjunto de microconstruções a que Traugott e Trousdale (2013) fazem alusão em seu livro. Também o conjunto de construções descritas nos níveis meso e macro construcionais parece corresponder ao conjunto que os autores se referem como esquemas e subesquemas ao tratarem do processo de construcionalização. Nesse caso, o indicativo parece ser de que há uma acepção para o conceito de esquema e subesquema que os relaciona diretamente ao nível macro e mesoconstrucional, respectivamente.

Essa hipótese parece ser corroborada, inclusive, por Zhan e Traugott (2015:463), no trecho a seguir, ao falar das construções binominais:

“a. Esquemas: construções abstratas que são generalizações taxonômicas sobre diversas construções mais particulares. Ex. quantificação binominal [Ni of a Nj] \longleftrightarrow [Size related to SEMj].

b. Subesquemas: subgrupos de esquemas, menos abstratos, mas ainda assim construções esquemáticas. Por exemplo, entre os subesquemas dos quantificadores binominais, estão: *small size (a bit of N)*, and *large size (a lot of N)*.

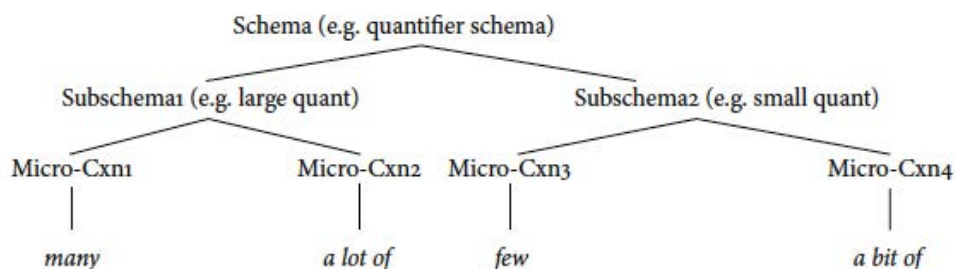
c. Microconstruções: Construções do tipo individual. membros de um subesquema pequeno: *a bit/shred/jot/iota of N*

d. Constructos: Instâncias de microconstruções, tokens de uso real. Ex: *they are hacks without a shered of intellectual honesty*”

De outro lado, em termos da rede de associação cognitiva, esquemas e subesquemas, na visão dos autores, também podem abarcar um conjunto de macro, meso e micro-construções formalmente distintas mas semanticamente aparentadas. É o que os autores apresentam no trecho (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013:17):

“Para qualquer conjunto de esquemas na hierarquia construcional que o linguista está descrevendo, o nível mais alto será sempre um esquema parcial. Havendo esquemas abstratos sobre muitas microconstruções, eles são fonologicamente subespecificados. Apenas as micro-construções podem ser substantivas e fonologicamente especificadas (...). No nível mais alto, ela [a construção quantificadora] inclui todos os tipos de quantificadores, sejam indicando quantidade grande, pequena ou intermediária, seja binominal ou monomorfêmica.”

Vejamos o esquema a seguir, retirado de Traugott e Trousdale (2013:17).



Nesse esquema, ao falar de quantificação, os autores se descolam, de certa maneira, da ideia de um pareamento que acompanha o licenciamento vertical da construção, uma vez que o esquema da quantificação abarca uma série de construções em que não se vê a correspondência entre forma e sentido. Da mesma maneira, esse esquema se relaciona aos subsquemas da pouca e da grande quantidade, que também abarcam um conjunto de construções em que forma e sentido não são necessariamente correspondentes. Por fim, isso fica ilustrado nos exemplos, *few* e *a lot of*, que apresentam formas e sentido distintos.

Nesse caso, poderíamos pensar em um esquema da focalização, nos subsquemas das focalizações no referente ou em toda a sentença e diferentes microconstruções que dariam conta do conjunto de estruturas com familiaridade semântica, mas não necessariamente estrutural, que compõem uma rede das construções ligadas por um elo semântico-cognitivo geral: atribuir foco.

Assim, ao escolher um fenômeno para estudo, o analista pode pensar na herança vertical desse fenômeno e, portanto, olhá-lo com lupa, de um lado, em termos dos níveis de esquematicidade das microconstruções tomadas para escopo da pesquisa (e, assim, entendendo esquema como equivalente a macroconstrução e subsquema, a mesoconstrução), observando, inclusive, a formação desses esquemas, via construcionalização⁷; de outro, em termos das diferentes estruturas que compartilham com ele um vínculo semântico mais geral, como o da focalização, da quantificação, etc.

Aparentemente, essa segunda acepção da noção de esquema, mais abstrata e abrangente, favorece o estudo da distribuição horizontal das construções na rede, uma vez que é a partir dele que podemos ver as diferentes estratégias formais concorrentes de exprimir a quantificação, por exemplo. Também é nessa perspectiva que enxergamos a inserção de uma determinada construção na rede em termos das propriedades que compartilha com outra construção com forma distinta e sentido semelhante.

Com isso, não só poderemos entender melhor a competição entre construções, como as propriedades que as construções de uma determinada língua compartilham entre si. Uma construção A pode compartilhar a função focalizadora com a construção B, por exemplo, e compartilhar a propriedade de focalizar referente único com a construção C, e assim por diante. Da mesma forma, uma construção A pode compartilhar com a B a propriedade de quantificar e com a C a característica de ser binominal. As microconstruções *few* e *a bit of* parecem ilustrar essa relação horizontal entre construções que

⁷ Segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 22) construcionalização é a criação de uma nova forma pareada com um novo significado, ou seja, um novo nó na rede linguística de um certo grupo de falantes. Tal nó apresenta mudanças em termos de esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

compartilham, no caso, um elo semântico, mas não formal; portanto, parece que elas competem em termos da estratégia linguística que o falante seleciona para exprimir quantidade pequena de algo.

Também sugerimos que poderia ser possível um esquema fonologicamente subespecificado orientado pela forma, como, por exemplo, um esquema de construções binominais que incluísse construções quantitativas e qualitativas. Assim também poderia haver um esquema geral da inversão VS que abarcasse um conjunto de subesquemas, como construções de voz passiva, ativa, etc.

A partir dessa aceção de esquema, não se pode pensar em construcionalização, no sentido de formação de um novo pareamento forma-sentido. Entretanto, parece fundamental essa ideia para o entendimento mais amplo da formação e descrição sincrônica da gramática de uma língua e para nos apropriarmos da concepção de uma gramática que leva a cabo a ideia de uma mente holística.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo pretendeu apresentar algumas reflexões acerca das terminologias e representações atualmente identificadas em duas propostas teóricas construcionistas sobre o conceito de esquema. Para tal, foi desenvolvido, à luz de Traugott (2008) e em confronto com Traugott e Trousdale (2013), o tratamento do objeto de estudo apresentado - a construção [(X)VSN]_{FOC} - o qual foi estudado em termos de macro, meso e microconstruções. Nossa intenção foi, para além da apresentação e descrição do objeto de pesquisa, apresentar uma reflexão quanto ao alinhamento dessas propostas teóricas a seus objetos de investigação, na busca pela identificação de suas limitações e possíveis refinamentos. Tal feito torna-se mandatário se pensarmos que esses modelos teóricos revelam-se fontes profícuas para os estudos contemporâneos da LFCU (Linguística Funcional Centrada no Uso).

REFERÊNCIAS

BYBEE, J. (2010). *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press.

CROFT, W. (2001). *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press.

FREITAS, R. (2006). *Reflexos pragmático-discursivos da L1 na aquisição de inglês como L2: um estudo sobre o uso da cláusula VS*. Dissertação de Mestrado. UFRJ: Rio de Janeiro.

_____. (2011). *A constituição discursivo-gramatical da construção (X)VS em inglês como L2: indícios de formação da interlíngua*. Tese de Doutorado em Linguística. Faculdade de Letras, UFRJ, 223p.

GOLDBERG, A. E. (1995). *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press.

_____. E. (2006). *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press.

LAMBRECHT, K. (1994). *Information structure and sentence form. Topic, focus and the mental representations of discourse referents*. Cambridge: Cambridge University Press.

RODRIGUES, G. & MENUZZI, S. (2011). Estrutura Informacioanal. In: *Percursos em teoria da gramática*. Org: Roberta Pires de Oliveira; Carlos Miotto. Editora da UFSC.

TRAUGOTT, E. C. 2008. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: *Variation, Selection, Development – Probing the evolutionary model of language change*[Trends in Linguistics 197] ECKARDT, R.; JÄGER G.; T. VEENSTRA (eds). 219-250. Berlin: Mouton de Gruyter.

_____. & TROUSDALE, G. G. (2013). *Constructionalization and Constructional Change*. Oxford University Press: Oxford.

VAN VALIN, R. (1999). A Typology of the Interaction of Focus Structure and Syntax. In: E. Raxilina & J. testelec, eds., In: *Typology and the Theory of Language: From Description to Explanation*. Moscow.

VEENSTRA, T. (Eds.). (2008). *Variation, Selection, Development--Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter. p. 219-250.

ZHAN, F. & TRAUGOTT, E. C. (2015). The constructionalization of the Chinese cleft construction. In: *Studies in Language*. N. 39. John Benjamins Publishing Company.

Recebido em 02/10/2016

Aceito em 15/11/2016